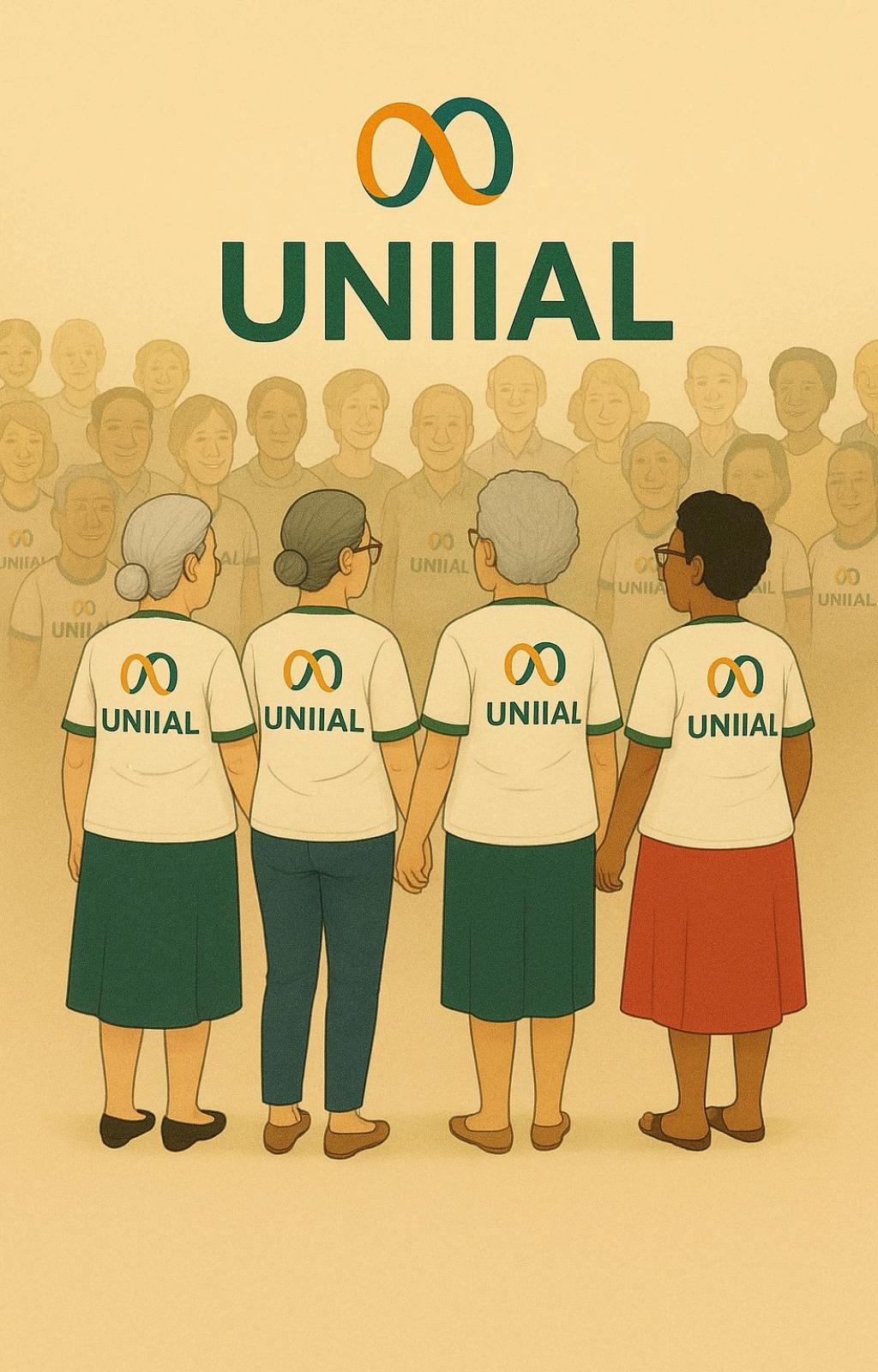


Vozes da Experiência

Histórias que Inspiram



UNIIAL



UNIIAL

UNIIAL

UNIIAL

UNIIAL

UNIIAL

SUMÁRIO

1. Introdução.....	p.2
2. Histórias:	
2.1 - Uma Nova Chance: Fé, Luta e Gratidão...	p4
2.2 - Meus Caminhos de Vida.....	p6
2.3 - Laurendina: Uma Vida de Luta, Amor e Aprendizado.....	p11
2.4 - Entre perdas e renascimentos.....	p13
3. Agradecimentos.....	p18

INTRODUÇÃO

O projeto "Vozes da Experiência: Histórias que Inspiram" é mais do que uma proposta acadêmica, é um tributo que busca reconhecer e valorizar as trajetórias de vida dos estudantes da Universidade da Idade Adulta e Longevidade (UNIIAL) e Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT. Em um contexto acadêmico que historicamente privilegia a juventude, a presença de estudantes mais velhos representa um poderoso ato de resistência, superação e busca contínua por conhecimento.

Por meio da escuta atenta e do registro sensível das histórias desses estudantes, buscamos construir um espaço de valorização da memória, de fortalecimento das identidades e de promoção da inclusão no ambiente universitário. Este projeto alinha-se aos princípios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis, ao preservar e disseminar memórias culturais vivas que inspiram não apenas os participantes, mas toda a comunidade acadêmica e social.

As experiências compartilhadas, visam valorizar essas memórias, preservando-as não apenas como registros históricos, mas como fontes de inspiração para todos que acreditam que nunca é tarde para sonhar, persistir, aprender e recomeçar. O livro que resultará deste projeto é um gesto de gratidão, reconhecimento e homenagem a cada pessoa que, com coragem, nos permitiu entrar em seu caminho e compartilhar um pedaço da sua história.

Assim, esta iniciativa torna-se um tributo a todas as pessoas que, com coragem e determinação, que reafirmam diariamente o valor da educação ao longo da vida, destacando que nunca é tarde para recomeçar e ocupar novos espaços de pertencimento e cidadania.

UMA NOVA CHANCE: FÉ, LUTA E GRATIDÃO

Entrevistada: Maria Divina Noleto Moraes.



A experiência... Eu não tenho muita capacidade pra isso, porque é a primeira vez, mas eu acredito que vai dar tudo certo, desde que eu confie em Deus. Nasci no Maranhão, no município do Serrão dos Patos. Ai eu casei, fui morar em Guadalupe, no Piauí. Mas, quando meu marido saiu da firma, ele veio trabalhar pra cá, né? E eu fiquei. Naquele tempo era tão difícil, que só soube notícias dele quando ele chegou lá pra me buscar. Era um tempo de muitas dificuldades, mas, graças a Deus, também teve coisas boas.

Quando cheguei aqui, sofri muito. Meu marido passou a ser alcoólatra e ficou muito ruim. Ele faleceu com 48 anos. Depois disso, fui morar com minha filha. Logo depois, o esposo dela faleceu de covid. Foi um sofrimento muito grande, uma crise muito difícil pra nossa família. Agora estamos só nós duas em casa. Mas, mesmo com tudo isso, estou muito feliz.

Hoje estou na Uniial, estudando, muito alegre e com muitas amizades. Já estou muito tranquila, graças a Deus. Quando a gente participa dessas coisas, eu faço questão de não perder nada. Tudo pra mim é importante, porque quero participar e ficar cada vez mais inteligente. Fui criada sem estudar, mas agora, depois de velha, estou muito feliz por estar aprendendo.

Moramos aqui há mais de dez anos. Meus dois filhos casaram, um em novembro e o outro em janeiro, e meu marido morreu em julho. Até esse tempo eu ainda morava com ele. Depois da morte dele, fui morar com minha filha, que ficou doente, com pressão alta e o corpo inchado. Fui cuidar dela e estou lá até hoje. Meu genro era uma pessoa muito boa comigo, como se fosse um filho. Me acolheu com todo cuidado do mundo.

Hoje estou muito feliz porque minha filha me matriculou na Unial sem eu nem saber. Ela chegou em casa e disse que tinha feito a matrícula. Eu falei: "Menino, mas que coisa!" Agora, ela me leva todo dia e me deixa tranquila. As amizades me fazem muito bem. Meus netos também se preocupam, ligam todo dia perguntando como foi. Eles me levam onde eu preciso, pra eu não perder nada e participar de tudo.

Eles têm o maior prazer de me ver assim, ativa, sem ficar só, sem ficar pensando em coisa ruim. Porque a gente, sozinha, pensa demais. Mas estou muito grata por estar estudando. A gente chama de estudar, mas, na realidade, são apresentações, palestras muito boas. A gente aprende muito com os médicos, psicólogos e outros profissionais que falam pra gente. Tá tudo muito tranquilo. Eu acho muito bom, fico feliz.

Não tive nenhum choque. Antes, minha filha já queria me matricular, mas eu não quis. Aí vi a entrevista das professoras na televisão, ela viu também, e me matriculou. Quando assisti na TV, achei que iria ser muito bom – e foi mesmo. Eu sabia que uma amiga minha já fazia, ela veio pra cá dois anos atrás. Isso me deu vontade de vir também. E hoje estou muito contente por ter vindo.

- **Nois** = nós
- **Pra** = para
- **Tá** = está
- **Menino!** = expressão de surpresa ou admiração
- **Veio pra cá** = veio morar aqui
- **Tudo tranquilo** = tudo está bem
- **mas que coisa!** = situação inesperada (gíria genérica e regional)

MEUS CAMINHOS DE VIDA



Entrevistada: Maria do Rosario da Conceicao Santos

Meus pais se separaram quando eu era pequena. Eu tinha 6 anos de idade. Foi no Piauí. Eu sempre estava com as mulheres, com meu pai, e também com outros homens e mulheres. Meu irmão ficou com a minha mãe e eu fiquei com o meu pai. Depois eu descobri onde minha mãe estava e então eu fugi.

Meu pai me deu para uma pessoa, um pessoal que não tinha filho de sangue, só que ele tinha um filho que ele criava. Aí ele falou que ia me dar para uma mulher. Ela queria porque eu já servia para cuidar do pequeno, e então eu fui. Um dia, ela mandou o filho de criação ficar no chão e, de repente, entrou um cachorro doido e mordeu o menino. Eles foram pegar o menino e levar para Teresina, pois morávamos no interior. O menino disse que era para me levar também, ele já falava que gostava de mim. Bênção de Jesus, me levaram.

Lá encontrei minha mãe. Ela soube que eu estava lá e veio até mim. Eu disse: "Mãe, eu não volto mais para lá onde estava." Ela respondeu: "Minha filha, eu não posso fazer nada. Depois o juiz decidiu tudo. Então, eu não posso." Eu insisti: "Mãe, eu não vou." Ela chorava e não deixava a gente ir embora. Então, eu falei: "Eu posso ficar com o menino." E fiquei na casa que eles tinham arranjado para ele, o menino que tinha sido mordido.

Minha mãe pediu para me levar na rua e me levou. Ela não tinha estudo nenhum, trabalhava como doméstica, morava na casa do povo para quem trabalhava. Ela tentou combinar lá, mas o pessoal não aceitava ela como menina. Ela voltou e disse: "Minha filha, eu não posso ficar com você, não tenho como." Eu respondi: "Eu sei, rapaz, eu sei de tudo." Depois, ela combinou com uma amiga dela lá na Filadélfia. Foi lá, caprichou o corpo e conversou com a amiga, perguntando se eu podia morar lá. A amiga disse que sim.

Minha mãe me deixou lá e ia pro serviço, só voltava tarde. No início do ano, minha mãe já tinha se separado, tinha engravidado de outro homem e dado a menina para um pessoal. Depois ela se encontrou com o povo que criava minha irmã e contou que eu estava com ela, mas disse: "Eu não posso criar ela. Você quer ficar com ela?" Eles conversaram mais e eu também perguntei para o pessoal que estava em torno. Ele respondeu: "Pois não, eu vou." Então, ele combinou com a mulher: "Traz, traz, eu quero ela." E assim foi.

Minha mãe me entregou para ele, e eu disse que não ia. Ela insistiu: "Minha filha, vá. Fica lá na casa dele, é seu tio." Eu nem sabia que era meu tio, nem imaginava. Então eu disse: "Tá bom." Depois, eles arrumaram para ir embora para o Maranhão, para Florianópolis. Meu pai de criação arrumou todos os animais, e veio com a filha e todos os bichos.

De Florianópolis ao Maranhão, vieram com jacarés, e eu cheguei na ilha. Meu pai comprou uma fazenda, e eu sei que sou de lá. Comprou uma fazenda e agora moro lá. Muito cedo, nós saímos de lá e fomos para o

Paraíso do Maranhão. E aí fui criada como escrava. Eles eram racistas e me criaram como escrava. Me botavam para trabalhar só no coco, quebrando coco, juntando no espaço quebradeiro, caminhando, pegando o gado, os animais, tudo. Fui criada sozinha, na bravura.

Minha irmã, que era branca, foi criada na maior estimação, e eu, porque era preta, fui criada como escrava. Eles não deixavam eu ir para casa dos amigos, nem brincar fora. Se aproveitavam do meu serviço. Eu via minha irmã sendo criada de um jeito e eu de outro. Botaram minha irmã para estudar, eu não estudei. Só depois de grande fui estudar. Me matriculei sozinha na escola. Minha mãe nunca pisou no colégio para me matricular.

Naquele tempo, o pessoal se matriculava sem resistência. Eu tinha vontade de estudar. Quando dava a hora do recreio, minha mãe dizia: "Olha, quando for a hora do recreio, você vem aqui catar o arroz." Então, enquanto as outras crianças brincavam, eu ia catar o arroz, me lavava e depois voltava para a escola.

Minha mãe comprava pano de chita para fazer vestidos para mim, daqueles usados para quadrilha. Eu ficava desgostada com aquilo. Fui criada assim, e então me desgostei. Com 16 anos, fui, pensando que ia melhorar, mas entrei numa cadeia. Me libertei da escravidão que achava que vivia, mas caí na cadeia.

Sofri muito com meu marido. Não me bateu, mas chorei de fome. Tive oito filhos, mas perdi o primeiro. Quando meu menino mais velho tinha 17 anos e o caçula 12, eu casei com ele, que tinha cinquenta

e poucos anos, e eu, 16. Fugi com ele, achando que ia melhorar, mas só sofrer. Ele tentou me matar. Eu disse para ele: "Tenho minha vida, para dar nem para meus filhos." Ele tentou me segurar para me bater. Sempre pensei que, se um homem me batesse, eu não queria mais. Então, fazia tudo do jeito que ele mandava, só para evitar a violência.

Se ele dissesse: "Não converse mais com aquela pessoa", mesmo que fosse minha amiga, eu parava. Só para poder viver e criar meus filhos. Criamos os filhos juntos, mas ele tentou me matar um dia, combinando com meu filho para me dar uma pisa. De noite, quando os meninos dormiam, eu não dava conta.

Depois ele morreu. Morreram também um neto e três netos, dois assassinados, um morreu de acidente. Depois morreu minha mãe. Entrei em uma ansiedade muito forte. Fui ao CAPS, fiz tratamento. Estava em casa, deitada no sofá, que estava furado.

Minha vizinha se matriculou aqui e me convidou para vir também. Eu disse: "Não, não vou não, não sei como é." Depois pensei: "Vou só assistir para ver como é." Assisti e fiquei com medo de ser alguma coisa de feitiçaria. Eu sou evangélica.

Mas assisti todo dia, e gostei. Entrei e é aqui onde estou achando alegria. Hoje me sinto muito nova. Faço ginástica lá no SESI. Hoje mesmo fui três vezes lá e passei duas vezes aqui. É bom demais. Hoje estou me sentindo mais feliz, graças a Deus.

- Pro = para o
- Caprichou o corpo = se arrumou, se preparou bem
- Pisa = surra, agressão
- Desgostada = triste, desapontada
- Bênção de Jesus = expressão de gratidão e fé
- Fui criada na bravura = com muita luta, esforço

LAURENDINA: UMA VIDA DE LUTA, AMOR E APRENDIZADO

Entrevistada: Laurendina Lopes Carneiro



Eu me chamo Laurendina Lopes Carneiro, nasci dia vinte e cinco do onze de quarenta e oito.

Nasci e me criei trabalhando na roça, no município de Babaçulândia. Trabalhei na roça até meus trinta e oito anos. Aí resolvi vim pra cidade, pra colocar meus filhos pra estudar, porque eu não tive oportunidade de estudar. Vim pra Araguaina, em 1984, e moro aqui desde daquele tempo.

Trabalhei no Hospital Regional por vinte e seis anos. Depois aposentei. Fiquei em casa, aí resolvi estudar de novo. É porque eu não tive oportunidade de estudar quando era nova. Depois de velha foi que eu disse: "Eu vou estudar de novo, pra aprender mais algumas coisas."

Tô gostando, gosto muito. Comecei vim pra cá em dois mil e dezesseis, tô até hoje, gosto muito daqui.

Fui casada, tinha um marido. Moramos vinte e seis anos juntos. Tenho cinco filhos, dez netos e quatro bisnetos. Aí meu marido me largou, eu já com mais de cinquenta anos, mas depois ele faleceu.

A maior dificuldade foi depois que ele me deixou assim só em casa. Meus filhos já tinha saído quase tudo, mas tem uma filha minha que nunca me largou.

Toda vida ela morou comigo, até que hoje eu moro com ela. Ela só tem um filho, ele já é adulto, mora com ela também.

Nunca mais casei, nunca mais arrumei outro marido. Aí hoje decidi só estudar. Fico em casa, faço crochê, faço colcha e estudo agora aqui na UFNT, na UNIAAL, e tô aqui batalhando ainda. Gosto muito daqui. Domingas é uma pessoa muito carinhosa, cuidadosa.

- tô - forma popular de "estou"
- pra - forma popular de "para"

ENTRE PERDAS E RENASCIMENTOS



Entrevistada: Maria Irandy de Sousa Carvalho

Boa tarde, Helen. Eu sou Maria Irandy, sou natural de Presidente Dutra, Maranhão. Estou aqui à sua disposição.

Minha história de vida é muito triste. Aos sete anos eu perdi a minha mãe. Meu pai ficou com doze filhos e terminou casando com uma senhora da idade do filho mais velho dele. Ela é uma madrasta indo e voltando, ela criou nós, nunca bateu em ninguém, ela educou da maneira que pôde. Se hoje algum não é nada, o defeito não foi dela, foi de quem não quis.

Eu mesma era muito sapeca, não ligava muito pra essas coisas. Hoje eu me arrependo, mas tô aqui fazendo o que eu gosto.

Então, nós mudamos do Maranhão para... na época era Goiás. Foi uma mudança que veio 36 pessoas num ônibus chamado Pau de Arara. Ele não tinha porta. Os assentos eram uns paus amarrados e a gente sentava ali. Nessa mudança veio até cachorro.

Aí que chegamos em Imperatriz. Pra lá era um lugar muito seco onde a gente morava. Chegamos lá à noite, o carro parou na beira do rio. Quando o dia amanheceu, uma tia minha, que morava num lugar muito seco, só tinha água de poço... Quando ela viu aquela

imensidão do rio Tocantins, ela desmaiou. Ela falou:
"Eu vou morrer nessa água porque eu nunca vi tanta
água assim."

Na época o rio estava cheio. Mudamos no mês de novembro. Foi uma mudança que teve uma durabilidade de oito dias. O carro quebrou na estrada. A gente trouxe frito nas latas, comeu tudo. Trouxe bolo, comeu tudo. Acabou tudo. Terminou a gente se alimentando de favor que os outros davam pra nós quando passavam numa casa. Então foi uma vida muito difícil essa mudança. Hoje se faz num percurso de oito horas. O que era oito dias hoje se faz em oito horas.

Aí tá, mudamos pra Axixá de Goiás. Quando chegamos lá, meu avô já morava lá. Aí já tinha casa pra nós. Minha madrasta morava em Anápolis na época. A gente estava estudando lá, e a gente morava no interior de Presidente Dutra. Aí ela arrumou um bom emprego, já foi direto a ser diretora de uma escola. Então tudo clareou, tudo se normalizou.

A gente foi estudar. Eu sempre muito sapeca, gostava de namorar, gostava de muitas coisas. Meu pai falava assim: "Eu vou aquietar teu fogo." Me colocou no internato. Eu fiz o ginásio na época no internato e fiz o ensino médio no internato. Mas eu saí de lá casada. Eu fui a única que casei lá, de tão sapeca que eu era.

Esse casamento teve uma durabilidade de dois anos. Aí separei. Fiquei com uma filha, que hoje ela é a minha vida.

Depois separamos, aí eu fui pra Axixá novamente. Ele foi atrás de mim. Teve um ribulismo muito grande,

envolveu polícia e tudo, mas assim... só prenderam ele pra mim me libertar. Ái meu pai me levou pra Brasília, eu fiquei três anos.

Quando eu voltei, arrumei o marido que eu moro hoje com ele. Já está com 40 anos. Graças a Deus, a gente combina. Então assim, a minha vida sempre foi cheia de altos e baixos, mas eu sempre procurando não levar tudo aquilo a sério.

Ái eu tive um filho com ele. Esse meu filho me deu dois netos, a minha filha me deu uma neta.

Eu ficava em casa cuidando de casa, cuidando desses meninos. Depois que me aposentei... Trabalhei vinte e poucos anos, aí consegui me aposentar.

Quando eu trabalhava com uma amiga, que ela que me influenciou demais pra vir pra cá, eu falava: "Não, eu não vou, que eu cuido dos meninos." Ela falou: "Você não é babá. Eu vou te tirar dessa vida." E realmente.

Então, o que eu vivo aqui na Unial, eu agradeço a ela. Ela me tirou de uma prisão, assim. Porque quando a gente cuida dos filhos dos outros, você tá presa. Você não pode educar igual você educou seus filhos. Porque tudo que você faz é porque não é filho.

Então ela me tirou dessa prisão. De vez em quando eu trago eles pra cá, quando não tem com quem ficar. Mas já estão grandes, um de nove e um de dez.

Ái assim, eu sou muito feliz. Eu sou muito extrovertida, eu gosto de dançar. A gente tem um grupo de dança. Então assim, eu sou bem extrovertida aí na sala. E é isso.

Sobre os momentos tristes da minha vida, eu tenho
vários.

O primeiro, quando eu perdi minha mãe. Então o mundo
desmoronou pra nós.

Depois, com o passar do tempo, todo mundo já criado,
perdi meu irmão mais velho. Ele passou aqui em
Araguaina no mês de fevereiro, pegou meu pai. Ele
andou onde a gente nasceu, que foi no interior do
Maranhão. Pegou meu pai onde ele nasceu, que foi lá
em Caxias, no interior de Caxias. Levou ele lá, levou
onde ele casou com a primeira mulher. Depois levou
onde ele casou com a segunda mulher, que foi a minha
mãe – que todas as duas faleceram. Aí levou onde ele
casou com a terceira.

Meu pai era marceneiro. Ele levou ele onde ele
tirava madeira pra trabalhar, pra fazer os móveis.
Isso em fevereiro. Quando foi no dia 5 de março, ele
faleceu na festa de formatura do filho dele. Ele deu
um AVC, um traumatismo emocional. Ele faleceu na
hora.

Então o médico falou que... só Deus, porque pra Deus
nada é impossível. Mas o coração dele ficou... ele
colocou assim: o coração dele ficou todo
estrangulado, que dava mais de 30 centímetros. O que
delatou. Então foi uma causa muito difícil.

Depois disso eu perdi a minha segunda irmã – que ele
foi o primeiro irmão. Aí eu perdi a minha segunda
irmã de Covid. Depois do Covid, perdi uma tia minha
também de Covid.

Então esses foram momentos marcantes. Perdi meu pai

nesse período também, só que foi de AVC. Então isso é uma coisa que marca muita gente, que não tem alegria que faça você esquecer. Principalmente quando você tá num lugar que tem aquilo que recorda eles. Aí essas são minhas tristezas.

- tô - forma popular de "estou"
- pra - forma popular de "para"
- num - forma reduzida de "em um"
- tá - forma reduzida de "está"
- aquietar teu fogo - expressão regional que significa "fazer você se acalmar"
- sapeca - pessoa levada, brincalhona, inquieta
- ribulismo - confusão, tumulto

AGRADECIMENTOS

A realização deste projeto só foi possível graças à colaboração generosa e ao apoio de muitas pessoas que acreditaram no poder transformador da escuta, da memória e da valorização das vivências humanas.

Agradecemos, de forma especial, Dra. Domingas Monteiro de Sousa, idealizadora do projeto na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), por nos concederem a honra e a confiança de nos dar espaço para essa iniciativa tão significativa. Sua abertura e apoio foram fundamentais para que pudéssemos realizar este trabalho com sensibilidade, responsabilidade e profundo respeito às histórias que nos foram confiadas.

Estendemos nossa sincera gratidão às colaboradoras Fernanda Lima Fonseca e Laryssa Dias Moraes, cujo apoio, incentivo e envolvimento foram essenciais ao longo do processo.

Agradecemos também à professora Pollyana Marinho Medeiros Cerewuta, por sua orientação dedicada, pelas palavras de incentivo e por nos conduzir com firmeza e empatia durante todo o desenvolvimento deste projeto. Sua presença foi essencial para que este trabalho ganhasse forma, profundidade e propósito.

Reconhecemos, com carinho e respeito, todos os alunos participantes da UNIITAL - Universidade da Idade Adulta e Longevidade, projeto de extensão da UFNT que tem promovido inclusão, cidadania e empoderamento por meio da educação ao longo da vida.

Em especial, agradecemos com emoção às senhoras que nos concederam o privilégio de ouvir e registrar suas histórias: Maria Divina Noleto Morias, Maria do Rosario da Conceicao Santo, Laurendina Lopes Carneiro, Maria Irandy de Sousa Carvalho

Vocês nos ensinaram, com simplicidade e força, que cada trajetória vivida é uma declaração de resistência, sabedoria e poder.

Obrigada por terem nos confiado suas memórias, por terem nos permitido entrar em seus caminhos e por terem mostrado, com coragem, o quanto são verdadeiramente empoderadas. Este projeto é um tributo a cada uma de vocês – e também a todos os idosos que, mesmo em silêncio, constroem histórias de luta e dignidade todos os dias.

Muito mais do que palavras, vocês nos ofereceram inspiração. Suas vozes agora ecoam não apenas entre páginas ou telas, mas em todos os que acreditam que nunca é tarde para sonhar, aprender, recomeçar e ocupar o espaço que é seu por direito.

A todos vocês, nosso mais sincero e profundo muito obrigada.

Este projeto é de vocês – e para todos que ainda virão.

